

ECONOMIA PORTUGUESA

Indústria · Tecnologia · Sustentabilidade



TABAQUEIRA *Sustentabilidade no centro do negócio*

Constituindo uma das principais exportadoras nacionais, com um valor recorde em 2021 de 719 milhões de euros, 86% da sua produção, a Tabaqueira é uma empresa quase centenária e está a atravessar um profundo processo de transformação, colocando no centro do negócio a sustentabilidade e tendo como estratégia a melhoria da eficiência industrial e a redução da pegada ambiental. Outro foco da empresa é a redução da nocividade dos seus produtos, tendo por missão criar um futuro sem fumo, apostando na investigação para criar produtos alternativos.



Entrevista

4

Marcelo Nico, Diretor-Geral da Tabaqueira

»»»
**OPORTUNIDADES
E DESAFIOS QUE
SE AVIZINHAM**

8

»»»
**SUSTENTABILIDADE
INDUSTRIAL
E EMPRESARIAL**

10

»»»
**ESPECIALIZAÇÃO
EM PROJETOS
INDUSTRIAIS**

11

2022 é um ano muito especial para a Tabaqueira



A Tabaqueira, subsidiária da Philip Morris International (PMI), é a maior empresa do setor no país e a sua fábrica, localizada em Sintra, é um dos principais centros de produção do Grupo PMI na União Europeia, para além de sede de Centros de Excelência, que prestam apoio a várias fábricas e subsidiárias da PMI, a nível global, bem como do Departamento Leaf, que apoia as boas práticas agrícolas na Europa, Médio-Oriente e África, assim como do Platform Engineering Hub.

A Tabaqueira é uma das principais exportadoras nacionais, tendo os seus produtos como destino vários países dentro e fora da União Europeia. Em 2021, 86% da nossa produção seguiu para mais de 30 mercados, 75% do valor total das nossas compras são feitas ao mercado nacional (descontadas as aquisições feitas às entidades do Grupo e as compras ao Estado, assim como o investimento em fundo de pensões). Em 2019, as compras a fornecedores localizados em Portugal cifraram-se em €104 milhões, contribuindo de forma muito positiva para o negócio de mais de centena e meia de empre-

sas parceiras, de todas as dimensões – muitas das quais dependem, de forma significativa, da nossa operação.

Este é um ano muito especial para a Tabaqueira. A caminho de se tornar uma empresa centenária, a Tabaqueira cumpre, em 2022, o seu 95º aniversário. Fundada pelo emblemático empresário Alfredo da Silva em 1927, a Tabaqueira celebra também este ano os 60 anos da inauguração da sua fábrica em Albarraque, no concelho de Sintra, num crescimento de inovação contínua, que coloca a unidade fabril entre uma das maiores e mais modernas fábricas do Grupo PMI na Europa. Aliás, também em 2022, celebram-se precisamente os 25 anos desde a aquisição da Tabaqueira pela multinacional que, desde então, já investiu cerca de 390 milhões no total (uma média de 15 milhões de euros ao ano), no desenvolvimento e modernização da capacidade operacional e produtiva em Portugal.

SUSTENTABILIDADE

Com a sustentabilidade no centro do negócio, a empresa acredita

que medir o impacto da sua atividade na economia nacional é fundamental, já que, diariamente, interage com muitas centenas de agentes económicos, pelo que é da sua responsabilidade identificar os 'pontos' da cadeia de produção aos quais é possível aportar mais valor.

Ao mesmo tempo, este retrato permite alavancar a transformação da empresa, que assumiu o desígnio de inovar por um futuro melhor, colocando a evidência científica na base do desenvolvimento de novos produtos de tabaco não aquecido, menos nocivos.

Na Tabaqueira queremos construir um futuro melhor, sem fumo, e estamos cientes que, para tal, temos de criar inovação a partir de dentro para fora, para a nossa comunidade alargada – feita de parceiros, clientes, fornecedores, mas que inclui também muitas centenas de organizações e indivíduos com quem interagimos no contexto da nossa atividade. Porque, para nós, inovar também é impactar positivamente os outros, colocando a sustentabilidade no centro das relações que estabelecemos com todos os que nos rodeiam. Com vista a um futuro melhor, para todos, temos investido proativamente na redução da pegada ecológica da nossa atividade.

Na última década, a unidade fabril da Tabaqueira reduziu em 72% a sua pegada carbónica. É nossa missão garantir a proteção ambiental, alinhada com os objetivos de desenvolvimento sustentável definidos pelas Nações Unidas, contribuindo para um Portugal mais verde, pelo que, desde 2010, temos implementado iniciativas de redução de emissão de CO2 com vista a mitigar o impacto da nossa atividade produtiva.

Mais recentemente, em 2021, instalámos um parque fotovoltaico com capacidade produtiva de 1MW e que irá permitir a incorporação de energia elétrica para autoconsumo da fábrica, além da alimentação de 12 postos próprios de carregamento de veículos elétricos e híbridos plug-in que integram a frota da Tabaqueira. Adicionalmente, dispomos de mais 10 postos de carregamento que dão para 20 carros e mais dois no parque de estacionamento dos visitantes. Este investimento de mais de €1,5 milhões inclui ainda a renaturalização de uma ribeira no perímetro da fábrica – iniciativas que fazem parte de um projeto alargado com impacto na comunidade local, e que contempla a replantação de árvores.

Estas são ações que permitem menorizar o impacto ecológico da nossa atividade e, ao mesmo tempo, responder com maior eficácia – e sustentabilidade – ao desafio da competitividade. Para além disso, construímos uma subestação de alta tensão, num investimento de mais de €3 milhões, e que permitiu potenciar a produtividade da unidade de Albarraque, permitindo que se mantenha como uma das mais eficientes e mais "verdes" da PMI.

A Tabaqueira em Números

- 1 – 41.100 é o universo de pessoas impactadas pela atividade da Tabaqueira
- 2 – Mais de 1200 são trabalhadores diretos da empresa
- 3 – 75% do total das compras da Tabaqueira são feitas em Portugal
- 4 – €104 milhões foi o valor das aquisições da Tabaqueira junto de fornecedores nacionais em 2019 (dos quais mais de €60 milhões a PME).
- 6 – €390 milhões foi quanto a Philip Morris International já investiu em Portugal
- 7 – Em média, a PMI investe €15 milhões todos os anos na operação portuguesa
- 8 – €1,2 mil milhões foi a receita fiscal gerada pela atividade da Tabaqueira e pela comercialização dos seus produtos em 2020
- 9 – Por dia, a atividade da Tabaqueira e a comercialização dos seus produtos, gera uma receita fiscal ao Estado de €3 milhões

Fonte: "O Impacto da Atividade da Tabaqueira em Portugal. Este estudo foi elaborado pela consultora e auditora independente Carmo & Cerqueira.

Estamos virados para o futuro, explorando e avaliando continuamente soluções tecnológicas inovadoras de baixa emissão de carbono, sobretudo através da substituição de combustíveis fósseis por energias renováveis. É desta forma, firme e comprometida, que pomos em ação aquele que é um dos quatro pilares do nosso negócio – 'Proteger o Ambiente' – e que coloca a Tabaqueira e a PMI na dianteira do processo de descarbonização da economia.

Para a Tabaqueira, a sustentabilidade significa criar valor – não só a curto como também a médio e longo prazo –, minimizando as externalidades negativas associadas à sua atividade.

Somos uma empresa com os olhos postos no futuro, que caminha com a certeza de que a nossa atividade acompanha o processo transformacional do grupo, inovando por um futuro melhor e desenvolvendo novos produtos de tabaco aquecido, cientificamente substanciados, cujo perfil de menor nocividade tem o potencial de reduzir os danos causados pelo tabagismo e são uma oportunidade de saúde pública do século, e que o nosso futuro industrial, em Portugal, também se multiplica com o impacto da nossa atividade no país. ||

Rangel
LOGISTICS SOLUTIONS

We bring together
people and business
around the world!



PORTUGAL | ANGOLA | CAPE VERDE | MOZAMBIQUE | BRAZIL | MEXICO | SOUTH AFRICA | ZAMBIA

www.rangel.com



Eficiência e produtividade valoriza unidade de produção portuguesa

A Tabaqueira está a comemorar 95 anos desde a sua fundação, pelo emblemático empresário Alfredo da Silva. Também este ano se cumprem os 60 anos da inauguração da sua unidade fabril, em Albarraque, no concelho de Sintra, e que se assume como um dos centros produtivos mais modernos e eficientes do Grupo a que pertence desde 1997, a Philip Morris International. “Somos uma grande empresa exportadora, criamos emprego, atraímos investimento e queremos continuar a fazê-lo à medida que transformamos o nosso negócio”, afirma Marcelo Nico, Diretor-Geral da Tabaqueira

A Tabaqueira é, hoje, umas das principais exportadoras nacionais, tendo, no ano passado, exportado 86% da sua produção, num valor recorde de 719 milhões de euros. Nesta entrevista, Marcelo Nico conta como esta empresa quase centenária está a passar por um processo de transformação profundo, colocando no centro do negócio a sustentabilidade. “A melhoria da eficiência industrial com foco na redução da nossa pegada ambiental é tão estratégica para o negócio quando a redução da nocividade dos nossos produtos”, afirma o responsável.

Garantir o futuro industrial da fábrica nacional e assegurar a construção de um futuro melhor, sem fumo, disponibilizando aos fumadores adultos melhores alternativas e menos nocivas, com base em Ciência, são as suas prioridades. Recentemente participou no processo de consulta pública da Direção-geral de Saúde ao Plano Nacional de Saúde para os próximos 10 anos, apresentando a sua visão e ambição rumo a um futuro sem fumo, e a importância da implementação de uma estratégia de redução de riscos no controlo do tabagismo em Portugal, como uma abordagem complementar às políticas de prevenção e cessação tabágicas já implementadas.

A Tabaqueira conta com quase dez décadas de vida. EM 1997, foi privatizada e passou para o universo da Philip Morris International (PMI), tornando-se numa das principais exportadoras nacionais. Qua balanço faz destes anos de atividade?

A Tabaqueira tem uma ‘pegada’ muito relevante na economia nacional, sendo um agente dinamizador do tecido empresarial, gerador de riqueza e de emprego. Atualmente, somos mais de 1.200 trabalhadores, sendo que recrutámos cerca de 300 pessoas nos últimos três anos, marcados pela pandemia e pela instabilidade económica, o que dá nota da sustentabilidade do nosso crescimento, e esse é um facto que muito me orgulha. Outro é o número de agentes económicos que a nossa operação impacta. Podemos ser uma empresa eminentemente exportadora, mas temos uma presença muito vincada junto dos nossos parceiros, fornecedores de bens e serviços nacionais, cujo negócio também depende da nossa operação. Faz parte do nosso ADN construirmos o nosso caminho em comunidade e é aí que, julgo, está uma das grandes mais-valias da Tabaqueira. Recentemente, por forma a conseguirmos avaliar a nossa atividade e aferir os pontos da cadeia de valor



Marcelo Nico, Diretor-Geral da Tabaqueira

onde podemos aportar mais valor, pedimos a uma auditora independente para medir o impacto da nossa operação em Portugal. O resultado mostrou que impactamos a atividade de cerca de centena e meia de empresas nacionais, de micro a grandes empresas, o que é muito considerável. Em média, por ano, a nossa atividade movimenta cerca de 100 milhões de euros junto destes parceiros. Por outro lado, somos também um polo de atração de investimento direto estrangeiro para Portugal.

Pode concretizar?

Em 25 anos, desde a privatização, o grupo PMI já investiu cerca de 390 milhões de euros no mercado português. São cerca de 15 milhões de euros, em média, por ano. Este investimento, além da modernização e da melhoria da eficiência e da sustentabilidade da nossa unidade fabril em Albarraque, em Sintra, tem também permitido atrair para Portugal um conjunto diferenciado de serviços, com este mercado a ser selecionado para a localização de diversos Centros de Excelência que prestam serviços às afiliadas do Grupo a nível global, nas muitas dezenas de mercados onde estamos presentes. Além disso, é também em Portugal que se localizam vários Departamentos Globais do Grupo, incluindo o Departamento de Leaf da PMI, que apoia as boas práticas agrícolas na Europa, Médio-Oriente e África a partir de Sintra; o Departamento de Cor-

porate Audit; o Platform Engineering Hub; e o Departamento de Planning, Budgeting and Financial Reporting. Estamos a falar de centros de serviço muito diferenciados, de grande mais-valia, que estão a operar para todo o mundo a partir de Portugal.

Em termos industriais, qual a importância da operação nacional para a PMI?

A nossa fábrica, em Albarraque, posiciona-se como um dos mais importantes e modernos centros de produção da PMI na Europa. Em Sintra, produzem-se mais de 30 mil milhões de cigarros por ano, que seguem para mais de duas dezenas de países, incluindo Espanha, França e Itália. Há 25 anos, eram apenas seis mil toneladas, o que mostra, de facto, o caminho de crescimento, em termos de eficiência, que temos vindo a fazer, com o investimento sustentado e continuado da PMI na operação portuguesa. Na Tabaqueira, a melhoria da eficiência industrial tem vindo a ser feita a par de uma visão apoiada na sustentabilidade e na descarbonização. A excelência operacional e a proteção do ambiente são dois pilares fundamentais da nossa atividade e andam de mão dada. Este ano, que está a ser marcado por várias celebrações, a nossa unidade de Albarraque comemora também o seu 60º aniversário. Visitando-a, ninguém diria, que foi começou a laborar em 1962, tal o investimento que nela sido feito, com vista à modernização. Tem tanto de história como de inovação.

Que investimentos têm vindo a ser feitos para garantir uma operação mais sustentável?

Além do investimento que foi feito na otimização da eficiência energética de equipamentos e na total substituição de combustíveis fósseis por energias renováveis, assim como na implementação de um inovador sistema de Internet of Things que permite uma elevada eficiência na gestão da unidade, temos vindo a fazer um trabalho sustentado na forma como utilizamos os nossos recursos, incluindo a água e a energia. A nossa fábrica, onde 100% da energia elétrica consumida tem origem em fontes renováveis, foi a primeira do País, e também a primeira das afiliadas europeias do grupo, a receber a certificação Alliance for Water Stewardship, que reconhece as nossas políticas de uso sustentável de água. Na última década, os investimentos feitos em Albarraque, permitiram a redução da pegada de carbono da nossa unidade fabril em 72%, evitando a emissão de mais de 11.900 toneladas de CO2. Estamos, pois, apostados em acelerar o nosso roteiro rumo à neutralidade carbónica e a cumprir aquele que consideramos ser um dos papéis da nossa Organização: mitigar as externalidades negativas do nosso negócio. Pelo que a redução da nossa pegada ambiental e a gestão sustentável dos recursos limitados do planeta também são partes estratégicas do negócio, tão importantes quanto a redução da toxicidade dos nossos produtos.

Também está em curso um investimento num parque fotovoltaico, correto?

Sim. Insere-se no programa energético e ambiental que temos em marcha nas nossas instalações e que, além da implementação do parque fotovoltaico, no parque de estacionamento da nossa sede, inclui também a construção de uma central solar-fotovoltaica que já permite a produção de parte de energia para autoconsumo da nossa fábrica e também de uma parte da frota dos carros elétricos/híbridos da empresa.

Mencionou, há pouco, que a Tabaqueira é uma empresa eminentemente exportadora. Quanto valem as vendas ao exterior?

No ano passado, atingimos um recorde de exportações, que representaram 719 milhões de euros em valor, o equivalente a 86% da nossa produção, e com destino a mais de vinte mercados, incluindo Espanha, Itália e França. Temos, claramente, um contributo muito positivo para o saldo da balança comercial portuguesa.

Nesta trajetória de crescimento sustentado, como é que a Tabaqueira, empresa quase centenária, se está a posicionar para o futuro?

Abraçando e liderando a transformação desta indústria. Em 2016, enquanto Grupo, assumimos como propósito a construção de um futuro sem fumo, colocando a Ciência e a Inovação Tecnológica ao nosso serviço. Sim, a indústria tabaqueira pode ser sustentável, se a sustentabilidade estiver no centro da sua ação. Acreditamos que só podemos alcançar esse futuro melhor se o nosso negócio for conduzido de forma sustentável e se, como referi anteriormente, trabalharmos no sentido de mitigar as externalidades negativas da nossa atividade. E isso faz-se apostando em políticas de proteção do ambiente, mas também, e sobretudo, reduzindo a nocividade dos nossos produtos. Como? Colocando ao dispor dos fumadores adultos outras soluções que reduzam o risco associado às doenças provocadas pelo tabagismo, quando comparadas aos cigarros convencionais. A nocividade dos produtos de tabaco está associada à combustão e à formação de fumo, constituído por milhares de constituintes nocivos ou potencialmente nocivos, pelo que nos temos concentrado na disponibilização de uma alternativa sem combustão. Sejam claros: para a PMI e para a Tabaqueira, a melhor opção para um fumador é abandonar completamente o consumo de tabaco e/ou nicotina. Mas para aqueles que não o fazem, existem alternativas que, baseadas em Ciência e em tecnologia avançada permitem reduzir o risco e trazem benefícios claros para a Saúde Pública. Esta evidência científica está confirmada pela Agência Americana para a Segurança Alimentar e para o Medicamento, a Food and Drug Administration (FDA) desde 2020, altura em que autorizou a comercialização do sistema de aquecimento de tabaco da Philip Morris International (PMI), como um produto de tabaco de risco modificado. Na última década, já investimos cerca de 9 mil milhões de euros em Investigação & Desenvolvimento, contando com uma equipa de cerca de 900 investigadores e engenheiros, com vista ao desenvolvimento destas alternativas, substanciadas em evidência científica. Nesse sentido, adotámos uma abordagem assente em quatro pressupostos: 1) Desenvolver melhores alternativas, menos nocivas, aos cigarros convencionais; 2) Alargar o acesso dos fumadores adultos a produtos sem fumo, cientificamente substanciados, que promovam a transição completa; 3) Trabalhar ativamente rumo à eliminação total dos cigarros; e 4) Desenvolver produtos que vão além da nicotina.

É possível imaginar um mundo sem cigarros?

Mais do que imaginar, é possível criar um mundo sem cigarros. Consideramos que, em determinados mercados, será mesmo possível eliminar os cigarros no prazo de 10 a 15 anos, se for dado o devido encorajamento regulatório. Essa é a nossa missão: construir um futuro sem fumo. É nosso objetivo que, em 2025, metade das receitas líquidas do Grupo já sejam provenientes destes produtos alternativos. Atualmente, 12,7 milhões de fumadores adultos em todo o mundo, (sem contabilizar os mercados da Rússia e

da Ucrânia, devido ao atual contexto de instabilidade), já fizeram a transição para estas alternativas sem fumo e, acreditamos que, até 2025, serão 40 milhões os utilizadores. Sabemos que podemos contribuir, de forma concreta, para melhorar os resultados em Saúde Pública se, a par das políticas de prevenção e de cessação tabágica, de forma complementar, for contemplada uma abordagem centrada na redução de risco. A evidência científica já demonstrou o potencial dos produtos livres de fumo na redução do risco e são cada vez mais os especialistas em Saúde que acreditam que muitas vidas podem ser salvas se a nicotina puder ser disponibilizada através de uma efetiva alternativa aos cigarros tradicionais.

A 7 de abril de 2022, tivemos a oportunidade de participar no processo de consulta pública da Direção-geral de Saúde ao Plano Nacional de Saúde para os próximos 10 anos, e de apresentar a nossa visão e ambição rumo a um futuro sem fumo, reforçando a importância de uma estratégia de redução de riscos no controlo do tabagismo em Portugal, como uma abordagem complementar às políticas de prevenção e cessação tabágicas já implementadas.

Em Portugal, como está a correr a aceitação destes novos produtos?

Portugal foi um dos mercados pioneiros, mais concretamente o quarto, a comercializar o sistema de tabaco aquecido da PMI/Tabaqueira, o IQOS. Atualmente, cerca de 350 mil fumadores adultos já fizeram a jornada de transição para este sistema, cuja comercialização nos Estados Unidos foi autorizada como um produto de risco modificado, pela Agência Americana para a Segurança Alimentar e para o Medicamento, a Food and Drug Administration (FDA), a entidade reguladora do medicamento naquele país. Ou seja, após extensa revisão científica, este produto foi declarado claramente diferente dos cigarros, visto ter sido demonstrado que reduz a exposição a constituintes químicos nocivos ou potencialmente nocivos e que esta informação deve ser comunicada aos consumidores para ajudar nas suas opções, devendo as opções políticas legislativas refletir este aspeto.

E como passar essa mensagem aos legisladores?

Através de um diálogo transparente e baseado em ciência e factos. Em Portugal, a Tabaqueira tem mostrado toda a disponibilidade para iniciar esta conversa a fim de poder contribuir positivamente para uma nova geração de políticas de Saúde Pública que tenha em conta os mais recentes desenvolvimentos científicos e tecnológicos, substanciados em evidência científica. Cabe aos reguladores e decisores políticos decidirem, e fazê-lo com base na Ciência. Vimos, nos últimos anos, marcados pela pandemia, como a Ciência tem um papel fundamental na vida das sociedades, devendo ser considerada, de forma concreta e efetiva, nas políticas públicas de Saúde. Queremos, simplesmente, a possibilidade de dialogar com todos, colocando à sua disposição as evidências científicas produzidas pelo nosso trabalho, para que possam tomar as melhores decisões, com base em informações credíveis. E, simultaneamente, disponibilizar aos fumadores adultos informação fidedigna, baseada em factos, sobre a existência de melhores alternativas aos cigarros.

Aos 95 anos e a passar por tamanha transformação, como olha para o futuro industrial da Tabaqueira em Portugal?

Com muito otimismo. Somos uma grande empresa exportadora, criamos emprego, atraímos investimento. Queremos continuar a

fazê-lo à medida que nos transformamos. Esta transformação leva, naturalmente, tempo. E será também uma questão de tempo até que as fábricas de cigarros deem lugar a unidades de produção de novos produtos, sem combustão e sem fumo. Mas não depende só de nós. É preciso que, de facto, estejam reunidas as condições estruturais no País. E tal só poderá acontecer com o devido enquadramento regulamentar, que conte com o apoio dos decisores políticos e dos reguladores, assim como da sociedade civil, com vista à criação de uma nova geração de políticas de Saúde Pública que considerem a abordagem de redução de risco em tabaco. É certo que há outros países europeus que têm sido mais progressistas nesta matéria e que, por isso, poderão estar em melhores condições de receber essas inovações. Mas acredito que, até por termos sido um mercado pioneiro na adoção destes novos produtos, existe esta visão de futuro. Do nosso lado, podem contar com toda a disponibilidade para dialogar e para discutir evidência científica. Portugal foi também pioneiro na introdução de políticas de redução de risco e minimização de danos, nomeadamente no combate ao consumo de drogas, e, portanto, cremos que este é um caminho que pode ser percorrido muito em breve.

E que futuro para a PMI e para a indústria?

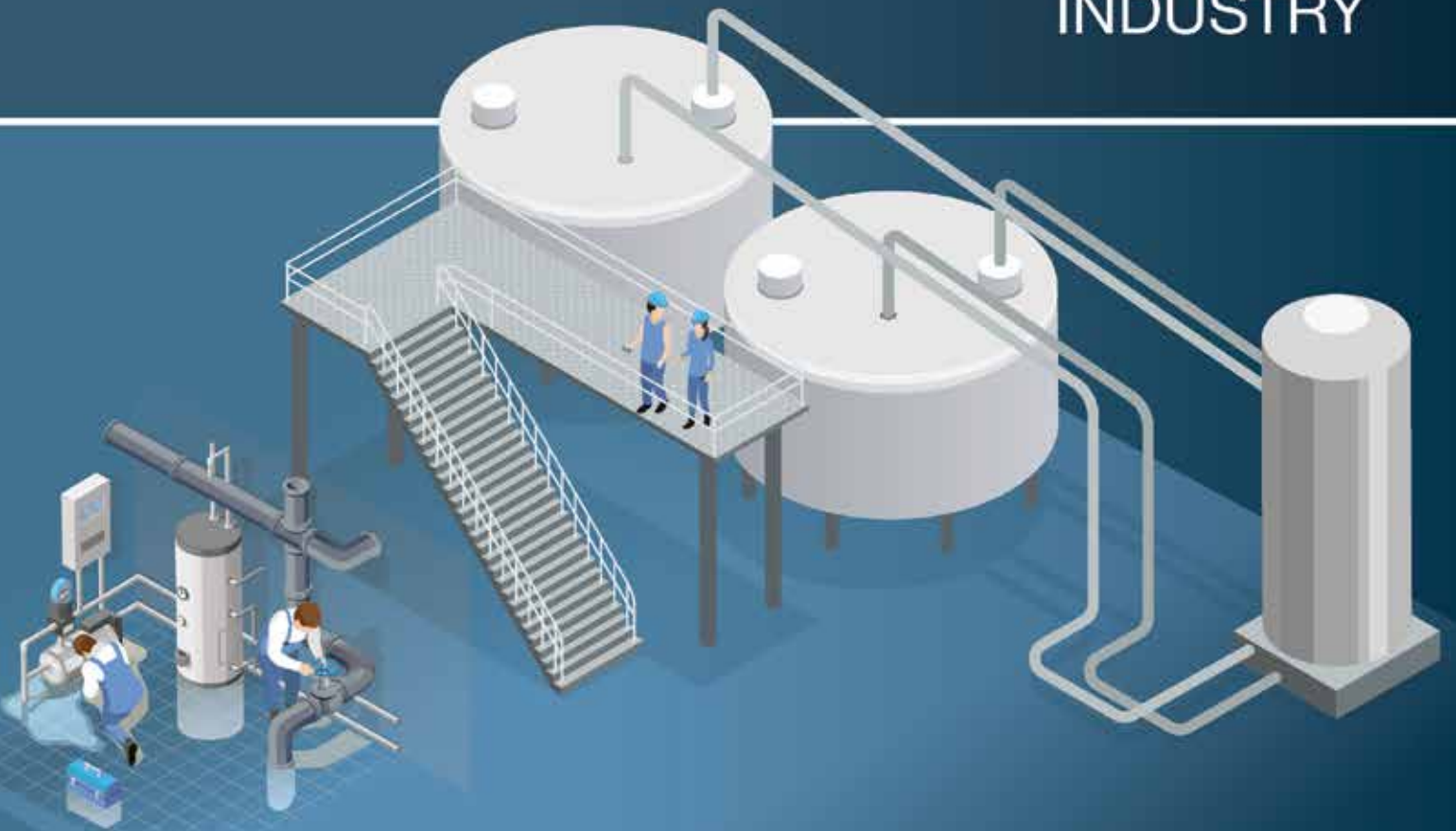
Temos como objetivo estratégico transformarmo-nos, no longo-prazo, numa empresa de lifestyle, bem-estar e cuidados de saúde. É, de facto, uma transformação completa. E estamos, de forma muito convicta, a construir esse futuro. Nesta jornada de transformação, desenvolvendo alternativas sem combustão, temos adquirido muita experiência nas áreas inalação e da aerossolização e, recentemente, decidimos fortalecer estas competências adquirindo empresas da área da Saúde e da Farmacêutica (como é o caso da gigante Vectura, que a PMI adquiriu por cerca de 1.000 milhões de euros). Esta estratégia permite-nos adquirir acesso direto a tecnologia altamente avançada e diferenciada para terapias inalatórias complexas e, desta forma, entregar respostas terapêuticas e farmacológicas a uma nova e ampla diversidade de necessidades médicas – e que vão além da nicotina.

Quando chegou a Portugal no início de 2021, para liderar a Tabaqueira, o que mais o impressionou?

Sem dúvida, o espírito de comunidade. Quer dentro de portas, pelo forte espírito de equipa que existe entre os trabalhadores, quer na interação com os nossos parceiros. Como referi inicialmente, a Tabaqueira interage diariamente com muitas centenas de agentes económicos, que dependem da nossa operação. E fazemo-lo de forma próxima, empenhada. No tal estudo sobre o impacto da atividade da Tabaqueira que mencionei no início da nossa conversa, há uma conclusão que salta à vista e que, para mim, define muito o que é esta empresa: se tivermos em conta todas as pessoas que são diretamente e indiretamente abrangidas pela nossa atividade – os nossos trabalhadores, os respetivos agregados familiares, e os quadros de pessoal das entidades nacionais fornecedores e dos prestadores de serviços, a Tabaqueira impacta um universo total de até 41.100 indivíduos. Temos, por isso, enquanto grande empresa, um papel muito importante na resiliência e coesão do nosso tecido económico e social. Temos de respeitar essa comunidade e, por isso, garantir que a nossa transformação encontra a desejada concretização. ||



INDUSTRY



OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO

Operação e Manutenção de
Infraestruturas e Linhas de Produção.

PROJETOS INDUSTRIAIS

Desenvolvimento de Soluções de
Engenharia desde a concepção de projeto
até à implementação da solução em
regime de EPC.

SETORES DE ATIVIDADE TDGI

MANUTENÇÃO E GESTÃO TÉCNICA DE INSTALAÇÕES - HARD SERVICES | ANÁLISE E DIAGNÓSTICO | SOLUÇÕES DE ENERGIA
PROJETOS INDUSTRIAIS | GESTÃO DE ESPAÇOS E OBRAS | GESTÃO DE SOFT SERVICES | IT & SOFTWARE SOLUTIONS

FOLLOW US ON:

Linked in

www.tdgiworld.com

PORTUGAL | ANGOLA | MOÇAMBIQUE | ESPANHA | BRASIL | BÉLGICA | QATAR

»»» CARMO & CERQUEIRA

Oportunidades que se avizinham e desafios que se colocam



JOSÉ CARMO PARTNER CARMO & CERQUEIRA, SROC



Os tempos têm sido de particular desafio. Pandemia, guerra, o estigma da inflação, a ameaça da subida das taxas de juro e da escalada de preços - primeiro das matérias-primas e bens essenciais; depois da generalidade de bens e serviços.

São também tempos de reavaliação e reflexão, pois é nestas alturas de desafio que surgem, por norma, os maiores avanços tecnológicos e as empresas estão mais propícias a investimentos em investigação, desenvolvimento e inovação, na medida em que o custo de oportunidade diminui consideravelmente, com a perspetiva de

poupanças decorrentes da modernização no médio/longo prazo. O problema é conseguir fazer tudo ao mesmo tempo, i.e., fazer face ao preço das matérias-primas e consumíveis, equilibrar o prazo médio de pagamentos com o prazo médio de recebimentos, otimizar o nível de existências (de modo a nunca parar a produção e as vendas) e ainda conseguir disponibilidade financeira para fazer os tão desejados investimentos que aumentam a eficiência da empresa e, consequentemente, incrementam a sua rentabilidade. Um "puzzle" muito difícil de solucionar.

E é aqui que o estado pode ter um papel relevante. Não queremos mais estado na economia, ou empresas público-privadas que subsistem à conta das transferências do Estado. Nada disso!

O que é necessário é um Estado que colmate as falhas de mercado e que apoie as empresas e os empresários a alcançar metas e objetivos realistas e claros para todos.

Nesse sentido, instrumentos como o Plano de Recuperação e Resiliência, ou o próximo quadro de Fundos Estruturais Europeus (vulgo Portugal 2030), podem desempenhar um papel crucial e ajudar na resolução do "puzzle" de desafios que se colocam aos empresários, desde que o Estado assim queira e se procure situar como um parceiro e não como um empecilho.

Não é minimamente razoável uma espera de 9 meses para saber o resultado de uma candidatura. Não é minimamente plausível que, não podendo o empresário dispor de condições para avançar com o investimento ab initio (estaria em causa o efeito do incentivo), depois lhe seja exigido que avance com o investimento, sob pena de penalização por atraso, sem saber, durante pelo menos nove meses, se afinal terá incentivo ou não. Não é minimamente aceitável, que passados quase cinco anos do início do investimento (o ano cruzeiro é o segundo ano completo após o término do investimento) surjam burocratas a questionar decisões que tiveram de ser tomadas no momento, sob pena de se estagnar ou inviabilizar investimentos de centenas de milhares ou milhões de euros.

É preciso agilizar os instrumentos. Naturalmente, não pode ser tudo "estrada" mas o custo/benefício não pode ser de tal forma ne-

gativo que leve os empresários a prescindir de uma ferramenta tão valiosa como os fundos comunitários. É, sobretudo, preciso agilizar e introduzir uma boa dose de bom senso e de realidade "de terreno" em quem decide e, posteriormente, avalia e encerra os projetos do lado dos organismos de gestão.

Outro instrumento desbloqueador fundamental poderia ser o Banco do Fomento, se funcionasse. É imprescindível um banco que permita capitalizar empresas, apoiar investimentos estratégicos permitindo um crescimento orgânico das nossas empresas seja por expansão, fusão ou internacionalização, solto das amarras institucionais da Comissão Europeia.

Ao contrário daquela que parece ser a premissa inicial, para que isto seja possível é necessário afastar os fundos comunitários, e em particular a gestão dos reembolsos dos fundos comunitários, do Banco de Fomento.

Parece o "Ovo de Colombo", mas não é. Os fundos comunitários criam "amarras" ao Banco de Fomento que tornam inviável a sua ação. Desde logo, levantam a questão dos auxílios de estado, impedido a capitalização de empresas, mas, pior que isso, impede a entrada de parceiros estratégicos fundamentais como o KfW, o BPI ou o ICCO (bancos de fomento de outros estados-membros) e com experiência comprovada que seria muito útil.

Resolver problemas requer arte, engenho e coragem política. As oportunidades estão aí e precisamos dos instrumentos certos para dar resposta aos desafios que se colocam.

Haja a coragem de tomar decisões. ||



exceed your expectations

Sustentabilidade industrial e empresarial



PEDRO SEVERINO | INDUSTRY BUSINESS DEVELOPER | APCER

É incontestável o grande impacto mundial da pandemia COVID-19 no setor da indústria. Em Portugal, algumas empresas viram-se obrigadas a fechar, enquanto outras tiveram de repensar a sua estratégia de posicionamento, originando alterações internas e na forma de relacionamento com as partes interessadas.

Em 2022, quando se verificou um desagravamento da pandemia, era expectável uma retoma da economia. Contudo, a guerra na Europa veio intensificar o aumento da taxa de inflação, a escassez de matérias-primas, conduzindo à subida do seu preço, e o aumento do preço da energia, resultado da dependência da Europa do gás proveniente da Rússia. Este contexto veio colocar uma grande pressão nas empresas, na indústria, e nos consumidores.

Este é um tempo de aprendizagem para aumentar a eficácia de utilização de recursos disponíveis. Se a pandemia funcionou como um acelerador do futuro digital, o conflito na Ucrânia veio a reforçar a necessidade dos tecidos empresarial e industrial se prepararem para diversas situações outrora inimagináveis ou pouco prováveis. A APCER, que trabalha de perto com as organizações, sentiu de perto os anseios, as dificuldades, e as estratégias implementadas para fazer frente a estas situações de crise.

Durante os últimos anos, verificou-se uma tendência crescente na aposta em fontes de energia renováveis, e uma maior tomada de consciência relativamente aos processos de gestão, por exemplo no que respeita à melhoria da eficácia, à redução de custos, diminuição do desperdício, e melhoria da sustentabilidade nos seus três pilares: económico, social e ambiental. Não é sustentável substituir uma matéria-prima ou um processo de produção por outros mais baratos, mas altamente poluentes. As organizações de hoje preocupam-se cada vez mais com o legado que será deixado às gerações futuras, e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU têm precisamente isso em consideração.

A descarbonização da indústria é um exemplo de um programa que tem uma correspondência direta com os objetivos 12 – Consumo e Produção Responsáveis e 13 – Combate às alterações climáticas. E, se num primeiro momento, a entrega obrigatória de relatórios de emissões de carbono é uma imposição legal para determinados setores e indústrias mais poluentes, espera-se que, num futuro

próximo, existam medidas mais abrangentes para todas as organizações, independentemente do seu tamanho, para que haja um controlo mais efetivo e se possa progredir no controlo das alterações climáticas.

À medida que se ajustam as práticas empresariais e industriais num contexto pandémico e de conflito, não se poderá deixar de ter em consideração critérios ambientais, sociais e de governança empresarial - ESG (Environmental, Social and Governance) – sigla que tem sido amplamente utilizada para identificar estes critérios, que funcionam como um parâmetro para avaliação das organizações em relação às práticas sustentáveis, fazendo a ponte para o alcance dos ODS num nível mais macro.

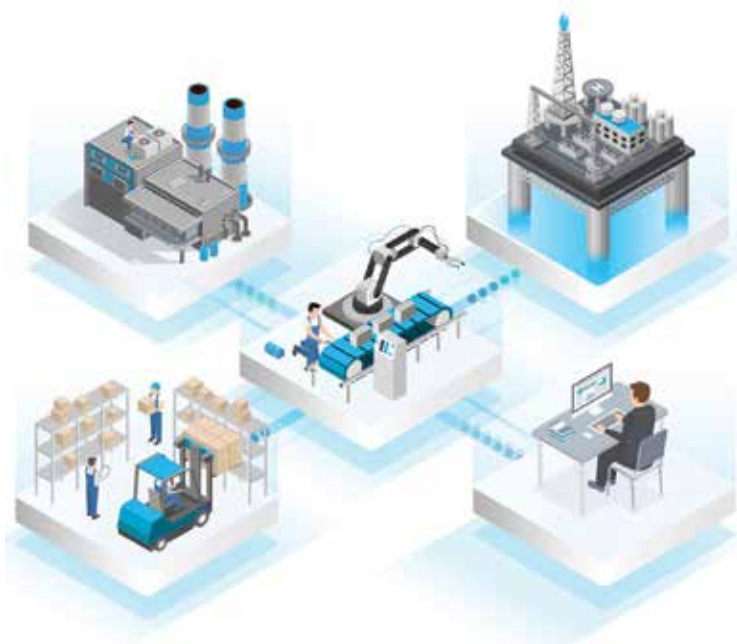
Durante os 25 anos de atividade, a APCER desenvolveu competências nos três pilares dos critérios ESG, disponibilizando ao mercado serviços de valor acrescentado que potenciaram a capacidade das organizações demonstrarem o seu alinhamento com os mais variados indicadores daqueles critérios. A APCER integra a sustentabilidade na sua atividade, e promove a sua integração nas organizações clientes, como corolário da sua missão. Em termos de atividade, aposta num portfólio de serviços que auxiliam os seus clientes a evidenciarem o compromisso com a sustentabilidade. Por exemplo na vertente ambiental, com a verificação da pegada de carbono, gestão de eventos sustentáveis, gestão de energia e certificação de produtos provenientes de florestas sustentáveis. No âmbito social, com serviços focados nas condições dignas de trabalho, como a certificação SA8000 e a realização de auditorias de acordo com os códigos de conduta amfori BSCI e SMETA. Relativamente à Governança, a APCER possui serviços de compliance como a mais recente norma ISO 37001 - Anti Bribery Management Systems.

A APCER reconhece que a incorporação dos critérios ESG na estratégia de negócio e no desenvolvimento das operações das organizações contribui para melhorar os seus índices de competitividade e de resiliência, permitindo enfrentar consistentemente os desafios do mercado, como tal queremos fazer parte desta jornada de sustentabilidade e apoiar as organizações com soluções adequadas à sua realidade.

Conheça mais sobre os serviços oferecidos em www.apcergroup.com. ||

Eficiência com otimização de processo e equipamentos

TDGI INDUSTRY



A TDGI é a empresa de engenharia do grupo Teixeira Duarte, com mais de 20 anos de experiência e presença em 7 países, dedicada ao FM, gestão de ativos e instalações com especial foco e experiência no segmento industrial, onde presta serviços de Operação & Manutenção em plantas industriais na área do Oil&Gás, Tabaco, Alimentar e Bens de Consumo, entre outros, com intervenção nas infraestruturas, centrais de utilidades, equipamentos de produção e apoio à produção.

Numa outra vertente e através do seu departamento especializado de Projetos Industriais e tipicamente em regime de EPC, a TDGI projeta e instala linhas e equipamentos de produção, numa ótica de otimização de processo e equipamentos, aumentando a eficiência, segurança e qualidade, bem como necessidades de movimentação e/ou alteração de layouts de produção, fazendo também implementações de raiz.

O nosso corpo técnico especializado, composto por engenheiros das várias especialidades, desenhadores, projetistas, e técnicos de Operação e Manutenção, aliado à vasta experiência e presença internacional em diversas tipologias de plantas industriais, permite-nos intervir nestas áreas com todo o conhecimento, rigor e segurança que uma fábrica exige. ||

Operação e Manutenção

- Gestão e Execução da Manutenção:
- Preventiva / Corretiva / Condicionada
- Operação das Linhas de Produção
- Operação e Manutenção das Utilidades (Centrais e Redes de Distribuição, de Vácuo, Ar Comprimido e Vapor, etc.)
- Condução e Operação das instalações
- Assistência Técnica 24/7
- Responsabilidades Técnicas Legais
- Suporte Técnico de diferentes especialidades:
- Engenharia Mecânica / Eletrotécnica / Automação e Comando

Fonte: www.tdgiworld.com

Projetos Industriais

ENGENHARIA

Desenho conceptual da solução
Anteprojeto e análise de investimento
Projeto de execução
Definição do caderno de encargos
Planeamento e Acompanhamento de Obra

PROCUREMENT

Negociação
Compra
Aprovisionamento
Logística e Transporte

CONSTRUÇÃO / INSTALAÇÃO

Elétrica
Mecânica
Automação e Controlo

COMISSIONAMENTO

Teste e Comissionamento
Assistência e Manutenção

Fonte: www.tdgiworld.com

O Impacto da Atividade da Tabaqueira em Portugal

A Tabaqueira, empresa subsidiária da Philip Morris International em Portugal, contribui positivamente para o saldo da balança comercial portuguesa. É uma empresa muito relevante para a economia nacional, é geradora de riqueza e criadora de emprego. A sua atividade impacta diretamente centenas de outras empresas do tecido empresarial nacional e muitos milhares de pessoas.



Exportações

A empresa tem vindo a registar uma tendência sustentada de crescimento exportações ano após ano.

2021

86% do volume total da produção

719 M€

2020

685 M€



Compras

As compras ao mercado nacional representam 75% do total das compras da Tabaqueira.



104 M€

o valor das compras junto de fornecedores nacionais

(Expurgado o valor das compras efetuadas às entidades do Grupo, as compras de bens e serviços ao Estado e o investimento em fundos de pensões)

Compras por dimensão de empresa

A atividade da Tabaqueira impacta diretamente a atividade de muitas dezenas de outras empresas nacionais, de diferentes dimensões.

43,6 M€



Grande Empresa

24,4 M€



Média Empresa

36,08 M€



Pequena Empresa

É nas empresas definidas como Pequena Empresa que a dependência para com a Tabaqueira é maior. Dos 84 fornecedores nesta categoria, há 6 empresas cuja atividade do grupo representa mais de 80% do seu volume de negócios e 11 em que o peso é superior a 50%.



Investimento

Desde 1997, a Philip Morris International, de que a Tabaqueira é subsidiária, já investiu em Portugal:



Impostos

Da atividade da Tabaqueira e comercialização dos nossos produtos, geramos uma receita fiscal de:



Pessoas

Em 2020, trabalhavam **1.023** pessoas na Tabaqueira, incluindo **166** pessoas nos Centros de Excelência, nos Departamentos Globais e no *Platform Engineering Hub* que a PMI alocou ao mercado português e que prestam serviços a diversas geografias do Grupo.

Contabilizando os agregados familiares dos trabalhadores diretos e indiretos da Tabaqueira e somando os quadros de pessoal das suas entidades nacionais fornecedoras, é possível aferir que a atividade da empresa impacta um universo total de muitos milhares de pessoas.



1.023 das quais são trabalhadores diretos da Tabaqueira

